

## 4

### Resultados

No capítulo anterior foram apresentadas as três diferentes etapas da investigação na qual esta Tese se baseia pela ordem cronológica de sua implementação. Também aqui os resultados serão exibidos pela ordem que foram surgindo.

#### 4.1 Resultado da pesquisa com a história de *Pandora* (Mayne, 1997)

Numericamente, os dados coletados pela aluna de graduação e bolsista (PIBIC), Luciana Claro, e publicados em seu relatório para o CNPq, não mostraram haver diferenças na apreensão do conteúdo da narrativa nos dois formatos trabalhados para esta Tese. Reproduzem-se, a seguir, do referido relatório, as informações relevantes para esta pesquisa, extraídas da tabela original.

Embora tenha se tratado de um número de respondentes reduzido<sup>1</sup> e, portanto, os resultados não possam ser projetados para toda a população da mesma faixa etária, ou generalizados, tanto nas respostas escritas nos questionários, como nas entrevistas pessoais conduzidas entre as pesquisadoras e as crianças, ficaram evidentes algumas questões identificadas como variáveis intervenientes espúrias e que, se a mesma história fosse mantida para as etapas finais da pesquisa, a sua validade poderia ficar comprometida.

---

<sup>1</sup> Dos 32 questionários respondidos só foi possível aproveitar 30 para tabulação. Dois foram eliminados por serem de crianças “pegas” colando respostas. Entretanto, para análise das respostas subjetivas os 32 questionários foram analisados.

Pergunta	Respostas com base no livro....	Digital	impresso
1. Qual o nome do livro que você acabou de ler?		11	14
2. Qual era a cor do pêlo da gata da história?		14	15
3. Qual era a cor da coleira dela?		15	14
4. Você pode explicar o que é um ABAFADOR?		2	3
5. Onde é que ela gostava de dormir quando morava na casa?		14	12
6. Você pode dizer por que ela foi embora da casa onde morava?		12	14
7. O que é um CARVALHO?		7	6
8. O que aconteceu com a coleira da gata quando ela estava no bosque?		12	12
9. O que ela comia quando vivia no bosque?		10	8
10. Quantos filhotes a gata teve?		13	13
11. Qual era a cor dos olhos dos gatinhos?		14	13
12. Você pode dizer o que é um MOURÃO?		2	2
13. Como é que acaba a história?		15	15
<b>TOTAL</b>		<b>141</b>	<b>141</b>

Tabela 2: número de perguntas respondidas corretamente por grupo (Pandora)

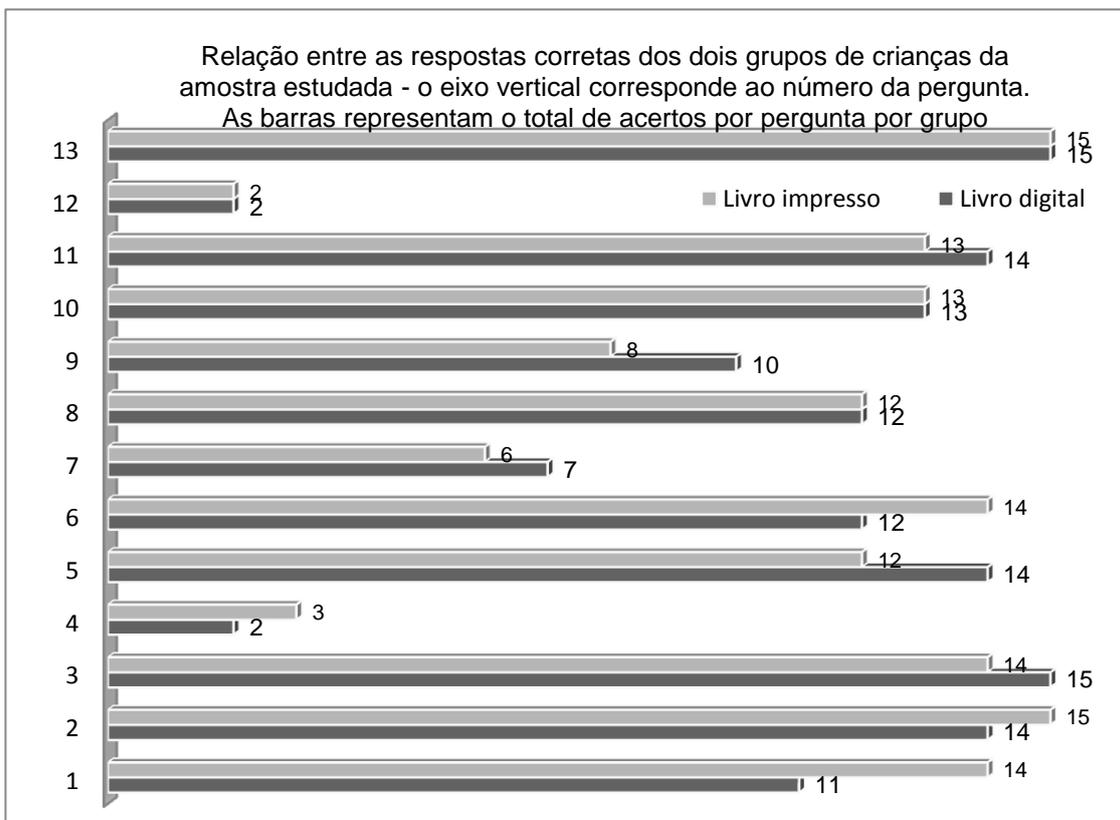


Gráfico 1: Resultados de Pandora

Das perguntas que não se relacionavam à compreensão da história, mas a aspectos subjetivos da experiência da leitura, tanto com o livro digital quanto impresso, transcrevem-se aqui, nas duas tabelas da próxima página, todas as respostas obtidas. Trata-se das respostas aos itens:

- Você gostou da história?
- O que você gostou mais?
- O que você não gostou?
- E, por último, o que as crianças escreveram no espaço livre deixado para comentários.

De ter-se considerado a fruição da narrativa como único critério para prosseguir com a pesquisa, *Pandora* (Mayne, 1997) teria sido aprovada: vinte e nove (29) das 32 respondentes, responderam SIM. Isso significa que 90,62% da amostra a aprovava sem “poréns”. Duas disseram ter gostado “mais ou menos” e, outra, escreveu, nesse campo, que a história era “grandona”. Entretanto, no campo de comentários dava a entender que tinha gostado: “é muito legal e *interessante* (*sic.*) e muito fofo também” (Alexa, 9 anos). Se o comentário de Alexa for interpretado como um “sim”, apesar de “grandona”, a porcentagem de aprovação da história por esse grupo de crianças passa a ser de 93,75%.

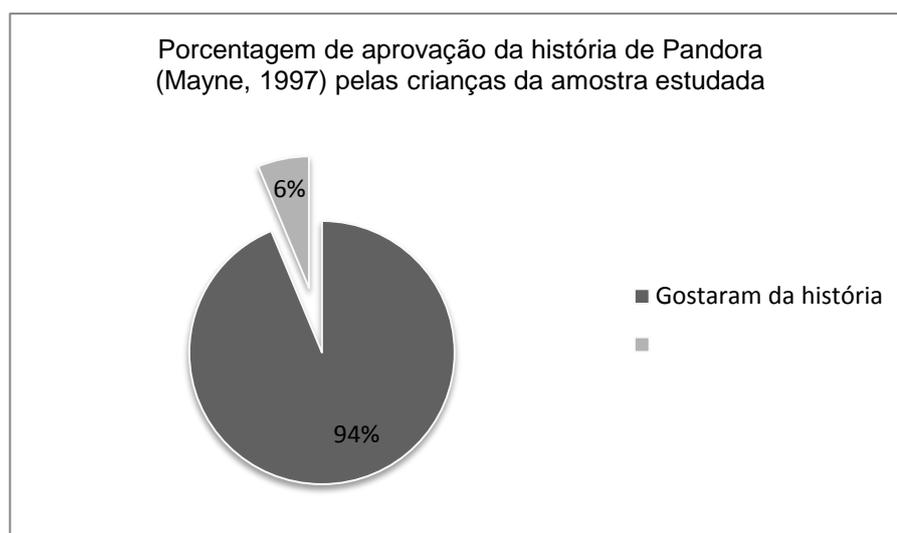


Gráfico 2. Porcentagem de aprovação de Pandora pelas crianças da amostra

No entanto, o fato de a grande maioria dessas crianças ter gostado da história não era um quesito suficiente a ser escolhido como instrumento para a pesquisa definitiva. As questões propostas no capítulo de referencial teórico – como uma história considerada boa narrativa para crianças deve se apresentar – deveriam ser obtidas.

Como dito anteriormente, houve, também, uma sessão de entrevistas logo depois de aplicado o experimento em que as crianças fizeram perguntas e comentaram a história apresentada. Especialmente nesses encontros é que foi possível inferir que, talvez, essa história não fosse a mais adequada ao propósito da pesquisa. Uma menina perguntou algo que – talvez por serem as pesquisadoras adultas – não tinha sido questionado e que obteve eco com mais da metade das crianças reunidas na sala: **quem era o pai dos gatinhos, os filhos que nasceram de Pandora?**

Essa criança identificara um “vazio”, um lapso na história, que só poderia ser respondido com suposições, pois em momento algum a narrativa faz alusão a nenhum gato macho com quem ela pudesse ter se encontrado, que pudesse explicar claramente esse ponto. Surgia, nesse momento, uma questão que poderia comprometer o trabalho. A história não “fechava” completamente no imaginário de todas as crianças.

Curiosamente, dez (10) das trinta e duas (32) crianças responderam, por escrito, que o nascimento dos filhotes foi a parte de que mais gostaram da história. Por outro lado, duas (2) crianças, Miguel e Fábio, ambos de nove anos, apontaram isso, justamente, como algo de que NÃO tinham gostado na história. Outras respostas que se repetiram com relação ao que mais tinham gostado foram a volta de Pandora para casa com seus filhotes, apontada por oito (8) crianças, como sendo o que mais gostaram, e quando Pandora perde sua coleira – símbolo de vínculo formal aos donos – entre os espinhos do bosque, por três (3) crianças.

À pergunta a respeito do que não tinham gostado na história, somada a alguns comentários escritos livremente em resposta ao último item, uma das crianças deixou muito claro que a história parecia triste, embora tivesse gostado dela:

“Foi legal, **meio triste**, mais foi legal”<sup>2</sup> (Mariana, 9 anos).

---

<sup>2</sup> Grifo nosso.

E foi também pela tristeza que alguns pontos específicos da história causara, segundo declararam algumas crianças nas entrevistas, que, mais uma vez, a história parecia não ser a melhor para o propósito desta Tese. Algumas crianças perguntaram por que os donos a teriam “chutado nas costelas”. Muitas delas manifestaram desconforto com esses maus-tratos à protagonista da história. Por escrito, algumas respostas à pergunta “Houve algo que você não gostou nessa história? O que foi?”, confirmam essa percepção.

- Sim, quando eles *maustratavam* o gato. (*sic.*) (Júlia, 9 anos).
- Sim, quando a gata foi expulsa. (Raphael, 10 anos).

Essa resposta, com algumas variações, foi dada por outras três crianças. Uma delas, Fernanda, se referiu especificamente à passagem da história em que Pandora só pode olhar para dentro da casa pela janela fechada, logo depois de ter sido posta para fora de seu antigo lar.

A avaliação desse conjunto de respostas e comentários foi que a narrativa levava algumas das crianças mais sensíveis a se comoverem pelos aspectos “tristes” nela contidos (embora, nada muito trágico e irreversível, do ponto de vista adulto, aconteça ao longo de todo o conto e o final seja feliz). Também algumas simpatizaram com a personagem principal, que era uma gata preta, ou a rejeitaram em função de crenças e superstições, cuja possível influência não fora considerada antes do contato direto com as crianças, ou seja, nas entrevistas. Para melhor ilustrar esta parte dos resultados dos questionários, na próxima página a seguir, encontram-se tabuladas as respostas dos participantes às perguntas subjetivas. Suas respostas foram integralmente transcritas, exatamente como grafadas pelas crianças (tabela 2).

Havia, ainda, outra questão: por falta de tempo hábil – já que o instrumento, como explicado no capítulo anterior, foi desenvolvido para atender, também, às necessidades da bolsista (PIBIC) com quem se trabalhou em parceria nesta etapa, e como ela dispunha apenas de um ano para concluir seu trabalho, as ilustrações animadas da versão digital não puderam ser realizadas como imaginadas originalmente<sup>3</sup>. Embora cada tela tivesse pelo menos um pequeno detalhe animado, a proposta original era a de ampliar esses movimentos. Em várias das

---

<sup>3</sup> As animações estão, em detalhe, descritas no capítulo anterior e podem ser vistas na versão digital desta Tese em CD-Rom que deverá ficar arquivada na biblioteca geral da PUC- Rio.

telas o movimento era pouco perceptível e, portanto, pouco se diferenciava essa versão da impressa com a versão digital.

Sendo a animação a variável independente, esta deveria ser bem evidente e, por vezes, parecia não ter sido conseguido manipulá-la a contento. Diante desse quadro, e das questões levantadas pelas crianças nos questionários e entrevistas, chegou-se à conclusão que outra história, fácil de redesenhar e animar, que não tivesse “lacunas” na narrativa (como a falta de explicação de quem seria o pai dos gatinhos de Pandora) e, ainda, que não apresentasse aspectos tristes que pudessem afetar crianças mais sensíveis, seria necessária para prosseguir com o trabalho de pesquisa.

Nome	Gostou ?	O que você gostou mais	O que <u>não</u> gostou	Comentários
FÁBIO	Mas ou menos	Dos desenhos (animados)	Que ela teve filhos	
GEORGIA	Sim	A parte que tem os filhos		Foi muito legal essa historia
WALACE	Sim	Dos filhotes do gato	Quando expulsaram o gato	
GABRIEL	Sim	gostei mais quando <i>pandorama</i> come o rato ( <i>sic.</i> )		
PAULO H	Sim	Quando ela teve filhotes		
JULIA G	Sim	Os filhotes de pandora		
BRUNO	Sim	Que a gata voltou para casa		
BRANCA	Sim	Quando a gata teve filhos		
KARINA	Sim	Quando ela estava na casa de seus donos com seus filhotes	O nome dela	
DORA	Sim	Quando a gata voltou para casa		
LEON	Mais ou menos	Do <i>comflito</i> ( <i>sic.</i> )		Eu gostei mais o menos da historia ( <i>sic.</i> )
ALEX	Sim	Do seguimento:primeiro ela esta bem, depois fica triste e depois feliz ( <i>sic.</i> )		
MANUELA	Sim	Que gostavam muito da pandora		
GIOVANNA	Sim	Eu gostei de tudo		
BIANCA	Sim	No inicio quando eles tratavam a gata muito bem	Sim quando a gata foi expulsa	
RAPHAEL	Sim	Quando pandora teve seu lar de volta	Quando expilsaram ela da casa ( <i>sic.</i> )	

Tabela 3. Respostas das crianças que leram a história no livro digital animado (Pandora)

Nome	Gostou da história?	O que você gostou mais	O que não gostou?	Comentários
TAMARA	sim	quando ela volta para a sua casa		
YURI	sim	que ela tinha dono		que ela foi bem tratada
BRUNA	sim	quando ela vive feliz	quando ela fugiu da casa (sic.)	
PEDRO	sim	da parte que ela voltou para casa	quando ela foi embora	
FERNANDA	sim	que ela teve os dois filhotes -que quando a lua surgia um gatinho aparecia e quando apareceu de novo outro gatinho surgiu	que ela ficou vendo dentro da casa da janela	
MIGUEL	sim	que a gata esqueceu a coleira no bosque	que a gata teve filhos	
ANDRÉ	-----			
ALEXA	grandona			é muito legal e interessante e muito fofo também (sic.)
JULIA	sim	eu gostei quando o gato teve filhotes	sim quando eles <i>maustravam</i> o gato (sic.)	
NICOLE	sim	eu gostei quando a gata teve filhotes	que a gata perdeu a coleira	Que muito divertida, engraçada e legal
JÃO V.	sim			
MARIANA	sim	do final		foi legal, meio triste mais foi legal
ARON	sim	na hora que ela perdeu a coleira nos espinhos do bosque		
BRUNA	sim	quando os filhotes da pandora nasceram		
NICOLAS	sim	a parte dos espinhos		
DEBORA	sim	que ela voltou para casa		

Tabela 4. Respostas das crianças que leram a história no livro impresso (Pandora)

## 4.2 Resultado da Etapa Quantitativa da Pesquisa

A segunda etapa do estudo foi realizada utilizando-se duas versões do livro *Verdi* (Cannon, 2002) e o questionário delineado para verificação do conteúdo apreendido pelas crianças participantes.

Descrito no capítulo anterior, o propósito desta fase do estudo foi testar a hipótese levantada.  **$H_1$ : Existe diferença nas respostas dos grupos.**

Trabalhando com respostas a oito perguntas, tabuladas como corretas ou incorretas considerou-se, para o cálculo, da estatística  $X^2$  quadrado sete graus de liberdade e o nível de significância de 0,05.

A hipótese  $H$  foi testada pela comparação do valor calculado para a estatística  $\chi^2$  (qui quadrado) com o valor tabulado da distribuição  $\chi^2$  com sete graus de liberdade.

Sendo o valor da estatística  $\chi^2$  obtida 19,61 e o valor tabulado 14,1 (Spiegel, 1971 p. 564); rejeitou-se a hipótese nula e, como consequência, aceitou-se a hipótese alternativa,  $H_1$ , **confirmando-se que existe diferença nas respostas dos grupos**: a compreensão da história pelas crianças da amostra estudada foi, portanto, estatisticamente superior quando lida no formato digital com animações.

Perguntas	Resultados observados Livro digital	Resultados esperados Livro impresso	Estatística $\chi^2$
1 Qual é o nome da história que você leu?	14	20	1,80
2. Qual era a cor das cobrinhas pequenas?	25	25	0,00
3. Qual era a cor das cobras mais velhas?	25	23	0,17
4. O que a cobra mãe disse às cobrinhas quando saíram dos ovos?	18	11	4,45
5. O que foi que a cobrinha da história fez quando descobriu que estava mudando de cor?	21	12	6,75
6. Por que a cobrinha não queria crescer?	25	18	2,72
7. O que é uma píton	18	13	1,92
8. Qual foi a brincadeira que as duas cobrinhas pequenas aprenderam a fazer com a cobra grande no final da história?	19	14	1,79
<b>Estatística total <math>\chi^2</math></b>			<b><math>\chi^2=19,61</math></b>

Tabela 5. Cálculo da estatística  $\chi^2$

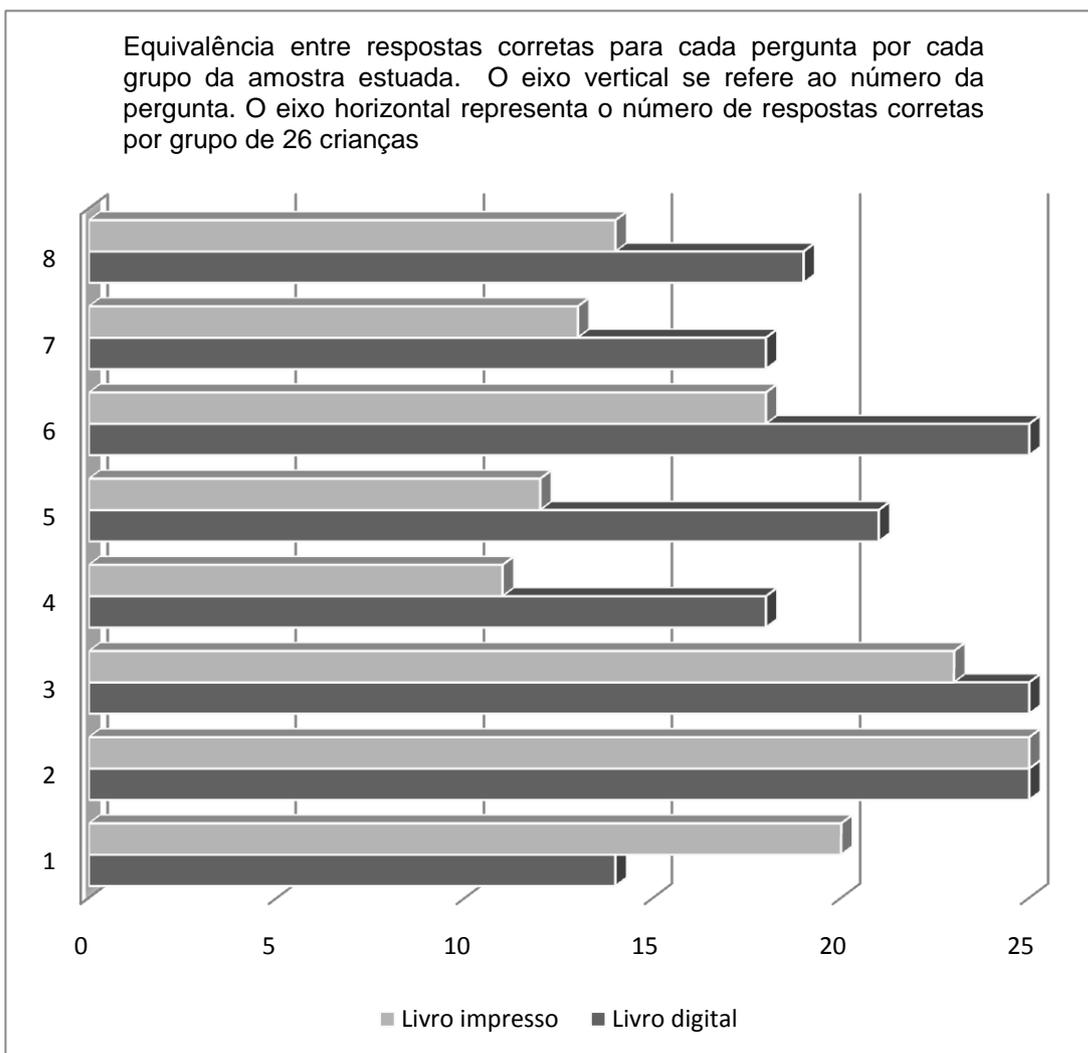


Gráfico 3. Equivalências nas respostas de um e outro grupo com (Verdi)

Os resultados numéricos poderiam dar a questão por encerrada, mas a observação das respostas a cada pergunta levantou novos questionamentos que, possivelmente, só poderiam ser respondidos por uma nova etapa, qualitativa, na qual se pudesse interagir e observar os sujeitos envolvidos com a narrativa em uma e outra situação. Ou seja, lendo o livro impresso ou interagindo com a sua versão digital.

Provocara a curiosidade e o interesse da pesquisadora tentar entender por quê, por exemplo, embora a estatística geral da leitura que envolvia a versão digital com animações proporcionara um número muito superior de respostas, o mesmo não acontecera com relação ao título da história (pergunta número um, escolhida por ter sido pensada como a mais simples e, se assim fosse, de acordo

com a bibliografia consultada e descrita no capítulo 3, adequada a ocupar o lugar reservado ao começo do questionário).

Entretanto, para essa primeira pergunta, a relação se invertera evidenciando que, nesse item, uma porcentagem muito maior das crianças que tinham manuseado o livro impresso a responderam corretamente.

De outro lado, em se tratando das perguntas que efetivamente tinham relação com o entendimento da história, mais crianças que a leram no formato digital demonstraram tê-la entendido e gravado – pelo menos no que diz respeito à memória de curto prazo. Enquanto 77% das crianças desse grupo souberam dar a resposta correta, só 54% das crianças do grupo do livro digital responderam corretamente.

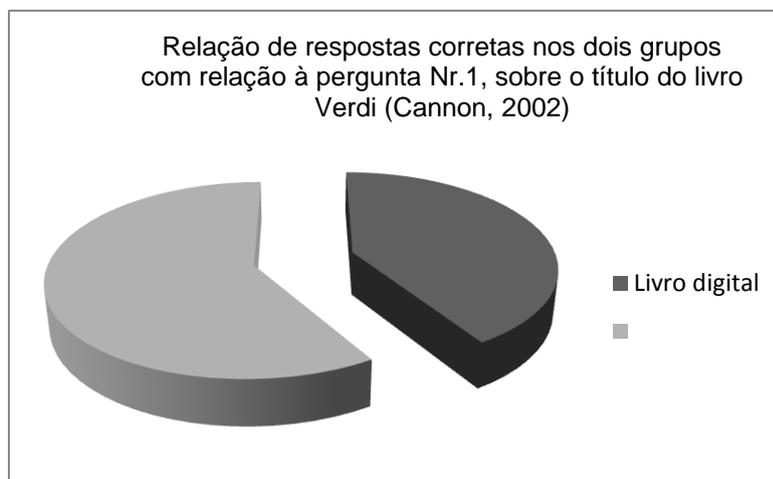


Gráfico 4 – Verdi. Respostas corretas à pergunta nr. 1

Voltando à primeira etapa da pesquisa, quando foi utilizada a história de Pandora (Mayne, 1997), verificou-se que uma proporção semelhante surgira nessa ocasião, para a pergunta com esse mesmo teor. Naquela ocasião, enquanto 93,4% das crianças que leram o livro impresso souberam dizer o nome da história, só 73,4% das que o leram na versão digital souberam responder corretamente.

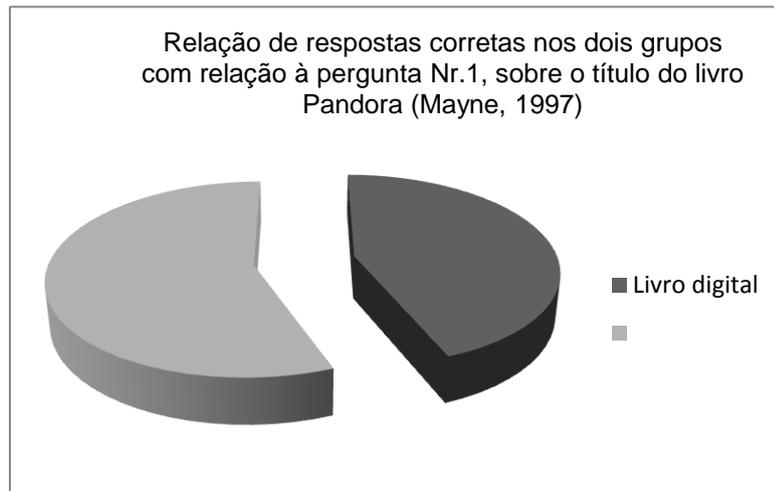


Gráfico 5. Respostas corretas à pergunta nr. 1 (Pandora)

Por outro lado, em se tratando do conteúdo da história em si, o que, segundo a definição da narratóloga Mieke Bal (2004) seria a fábula, foi, como se comprovara estatisticamente, superior no grupo que lera a história de Verdi (Cannon, 2002) na versão digital (perguntas 4, 5, 6 e 8).

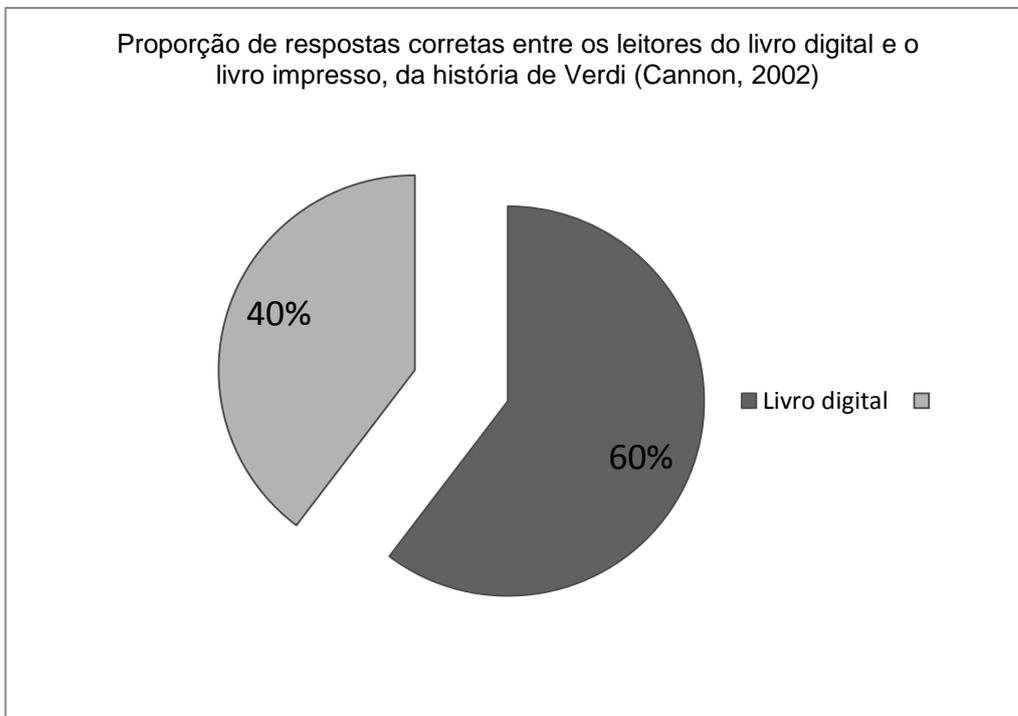


Gráfico 6 – Proporção de respostas corretas-conteúdo – (Verdi)

A etapa seguinte, também a última, destinou-se a investigar o que poderia haver como explicação para esses fenômenos.

### 4.3 Resultado da última etapa

Para aprofundar as questões que surgiram nas etapas anteriores, procedeu-se a esta última, baseada em entrevistas, para posterior análise do discurso dos participantes, e observação intensiva.

Como nas etapas iniciais, dois grupos de crianças, cada um com nove sujeitos, foram convidados a participar da pesquisa. Dezoito crianças, portanto, nove leram a história de Verdi (Cannon, 2002) no livro impresso e outras nove, no formato digital.

Na etapa anterior, quantitativa, a hipótese fora confirmada: criado um instrumento de estímulo e outro para coleta de dados verificou-se que as crianças da amostra estudada entenderam melhor o enredo da história (*plot*) lendo-a na versão digital com animações.

As entrevistas com crianças de um e outro grupo encerram depoimentos que ilustram essa afirmação. Algumas enriqueceram seus relatos com detalhes, outras se expressaram de forma mais simples e houve aquelas que precisaram ser orientadas – mas nunca induzidas – para recontar a história, tendo que ser incentivadas com perguntas e diálogos paralelos. Das transcrições dessas entrevistas, aqui estão alguns trechos dos depoimentos de crianças que conheceram a história pelo livro e de outras que, como Daniel e Peter<sup>4</sup>, interagiram com a narrativa no computador.

Duas questões foram apresentadas como perguntas no início de todas as entrevistas: *Você se lembra qual era o nome da história? Você poderia me contar a história que acabou de ler / ver?*

Daniel demonstrou sensibilidade e atenção ao detalhe, e forneceu este relato:

---

<sup>4</sup> Todos os nomes das crianças foram trocados, para garantir-lhes anonimato.

— *Uma mãe, Verdi nasceu, viu cobras velhas, achou que eram preguiçosas e “blabláblá”... ele achou que se fosse muito rápido, bem na frente deles, ele não seria igual. [...] aí ela percebeu que estava ainda mais verde. E depois ela ficou percebendo, ficou envergonhada, mas depois, foi a parte que eu mais gostei<sup>5</sup>, ela ficou se aceitando do jeito que é.*

A entrevista com Peter foi longa, mas este trecho deve ser suficiente para demonstrar até que ponto ele se envolveu com a narrativa:

— *É a história de umas cobras...aí todas nasciam e iam para a floresta crescerem, mas tinha uma que não queria crescer e ser verde. Ela foi para a floresta para crescer, mas ela não queria ser verde, ela não queria ser como as outras. Ela era veloz! Ela era a melhor de todas, então ela não queria crescer, para ficar igual às outras. Elas ficavam preguiçosas. Aí ela foi, quando ela viu que ela começou a esverdear, ela foi e pegou um monte de folha seca e começou a se esfregar para sair o verde que ela não queria. Aí ela foi, caiu na lagoa.*

Do grupo de crianças que leram a história impressa, vale a pena ler parte do discurso de Pedrinho e Aninha.

— *O Verdi, ele era amarelo, aí tinha outras cobras na floresta que eram verdes, que eram do mesmo tipo do que ele, só que eles, só que o Verdi não queria ser verde, queria ser amarela. Aí, um dia ele tava passeando, ele descascou, ele ficou com uma parte verde, aí ele saiu correndo para água, viu um peixe, que quase mordeu ele só que o Verdi mordeu o nariz dele ... e o peixe saiu. Aí o Verdi, ele foi lá numa árvore, e ele pulou e ele se machucou, e as outras cobras, que eram verdes, elas ajudaram ele. Aí depois de muito tempo ele ficou verde. Aí, ele encontrou outras cobras que eram amarelas que falaram que ele era mais velho e coisa, aí depois ele ajudou a fazer elas a fazer um oito e brincarem.*

Aninha:

— *Verdi é uma cobra, que ela nunca quer ser verde, que ela adora ser amarela, ela faz de tudo para ficar amarela o tempo todo, mas de repente,*

---

<sup>5</sup> Grifo nosso.

*ela tenta uma coisa e aí ela acaba se machucando, aí ela percebe que está toda verde, e nasce outro, aí fazem a mesma pergunta que ela fez para outros. Ela gostava das listras dela.*

Quando é que ela ia ficar verde?

— *Quando ela crescesse.*

Você lembra o que as cobras verdes faziam?

— *Elas ficavam preguiçosas e rabugentas.*

Com algumas variações até certo ponto previsíveis, quase todas as entrevistas têm trechos semelhantes aos quatro aqui apresentados. Entretanto, as descobertas mais interessantes não foram no sentido da compreensão do enredo da história, já que tínhamos subsídios teóricos para acreditar na confirmação da hipótese proposta. Outras questões, inesperadas e gratificantes, que surgiram no decorrer da pesquisa estão descritas a seguir :

— *Ela morreu?*

— *Não! Olha só! Ela está respirando! Ela ainda se mexe!*

Esse curto diálogo aconteceu entre Eliane e Anderson<sup>6</sup>, enquanto interagiam com a história de Verdi no computador da escola. Esse dado corroborou o que já vinha se perfilando em comentários de outras crianças entrevistadas anteriormente. Neste grupo de sujeitos, João fora o primeiro a relatar um fato a respeito da mesma cena que Eliane e Anderson haviam comentado, que evidenciou a percepção especial das crianças quanto às sutilezas presentes nas imagens, fixas ou animadas. Por ocasião da entrevista de João, ele comentara que um gambá passara duas vezes:

—*E então, elas, as três cobras, ajudaram a outra cobra esticando ela [Verdi] e depois a cobra dormiu e aos pouquinhos virou verde e teve um gambá que passou duas vezes, e aí, depois teve um oito, não. Teve duas cobras que se encontraram com a cobra verde, e depois eles fizeram um oito triplo.*

---

<sup>6</sup> Todos os nomes das crianças foram trocados para garantir-lhes anonimato.

Esta fala corresponde à cena na versão digital que segue à da frase onde se lê:

**O tempo passou. O sol e a lua se revezaram no céu. Verdi se maravilhou em ver a lua cheia minguar um pedacinho a cada noite. Depois observou pacientemente a lua crescer até virar cheia outra vez. Ficou imaginando por que nunca reparara nisso antes.**

**Durante esse tempo, Verdi foi se tornando muito verde e completamente invisível em meio à folhagem. Ficava tão imóvel que os outros bichos passavam por ele sem notá-lo (Cannon, 2002, p. 41).**

O “gambá que passou duas vezes” não recebeu especial atenção de nenhuma das nove crianças, que leram o livro impresso. Entretanto, outras crianças, que viram a história no computador, também mencionaram como parte da narrativa um animal se mexendo:

— *Passou um bicho voando. (Daiane)*

É?

— *É, guarati. (Emerson).*

Acho que o nome certo é quati (entrevistadora).

— *Quati. (Emerson).*

É eu também acho. Pode ser um gambá também.

— *Não é. Gambá é preto e branco. (Daiane).*

Nesse diálogo há ainda uma série de coisas interessantes a analisar. Daiane não se referiu apenas à presença do animalzinho na história, ela se lembrou também que ele “passou voando”. Se bem não tenha sido intencional, por um erro técnico, a animação do gambá/quati/ratinho, atravessando a tela no seu caminho de retorno— supostamente, andando em um galho ou cipó – por alguns momentos parece estar sem suporte físico. Nesse relato, portanto, parece evidente que essa sequência de imagens foi importante para essa criança.

Alice, que também interagiu com Verdi no computador, ao longo do seu relato ao recontar a história, diz que:

— *Quase no final dessa história, um ratinho passou duas vezes. A cobra estava parada, e um ratinho passava.*

O texto verbal em momento algum faz alusão ao bicho (gambá/quati/ratinho) mencionado, muito menos quanto à sua dupla passagem pela tela. A presença desse animal na cena tinha como propósito ilustrar a idéia que encerra a tela anterior:

**Pôs-se, então, a escutar a selva ganhar vida... (Cannon, 2004 p. 37)**

Entretanto, percebemos que, para algumas crianças, a sua movimentação dera um novo significado à história. Ou seja: mais um significado. O “gambá” adquiriu status de ator principal nos poucos instantes em que atravessa o monitor, passando diante dos olhos das crianças que o observam e de uma cobra tão verde quanto a folhagem na qual repousava, e por isso invisível até para animais como esse, que por instinto de sobrevivência não se aproximariam se a notassem. Uma imagem que pretendia ilustrar como ela estava aprendendo a apreciar a vida da selva, as mudanças no aspecto da lua, e a passagem do tempo. A leitura das imagens como parte da narrativa não aconteceu somente com relação à versão animada da história. Depoimentos de crianças que leram versão impressa também confirmam essa relação que, de fato, já é assunto bastante estudado (Camargo, 1995; Azevedo, 2000).

A entrevista com Maysa contém algumas fortes evidências nesse sentido. Em dado momento ela afirma que as cobras mais velhas seriam irmãos da Verdi...

— *A história começa com uma cobra*

(...)

— *Uma cobra que ela é a mais nova e os irmãos dela ficavam zoando dela*

É? Qual a cor dela?

— *Amarela*

É? E as outras cobras?

— *Verde.*

Você acha que são irmãos?

(...)

— *Ela queria ser igual aos irmãos dela.*

É? Tá!

(...)

E aí? E depois? O que foi que aconteceu?

— *Aí ela foi saindo por aí, pulando de galho em galho, aí ela chegou para os irmãos dela. Os irmãos dela pegaram ela pela cauda e ficaram puxando. E colocaram ela.*

Mas por quê? Aconteceu com ela alguma coisa?

— *É porque ela ficava pulando de galho em galho, aí teve uma vez que ela tinha caído.*

(...)

Mas, por que você achou que as velhas as verdes são irmãs dela?

— *Porque toda a vez que ela ficava al ó.*

(...)

— *Aí depois eles começaram a rir, olha só.*

Você acha?

— *Olha só a cara deles!!!!*

Enquanto Maysa dizia essa última frase, apontava para uma ilustração na qual as cobras grandes e verdes pareciam estar rindo. Ao longo de todo o texto verbal, não consta a palavra riso ou sorriso nem uma única vez. Mas para esta criança o que significou algo importante, não só nessa ilustração, mas, pelo sentido que o sorriso das cobras provocou e fez que ela atribuísse um significado, ou seja, que as associasse como irmãos, foi um dos aspectos mais marcantes de toda sua interpretação. As palavras irmão, irmã ou irmãos foram registradas nove vezes ao longo de toda a entrevista gravada com Maysa.

Outra expressão importante dessa criança, que teve eco com a fala de uma participante entrevistada no mesmo dia, mas que interagira com a versão do computador, refere-se a outra informação, desta vez verbal e pictórica, mas complementada por sua imaginação. Ela preencheu uma dessas lacunas que as boas narrativas deixam para o leitor imerso nas histórias complementarem. Para Maysa, Verdi fora a segunda a nascer. Ela montou os trechos faltantes para, como escrevera Lins (2000), terminar por construir a única história que realmente interessava: a dela!

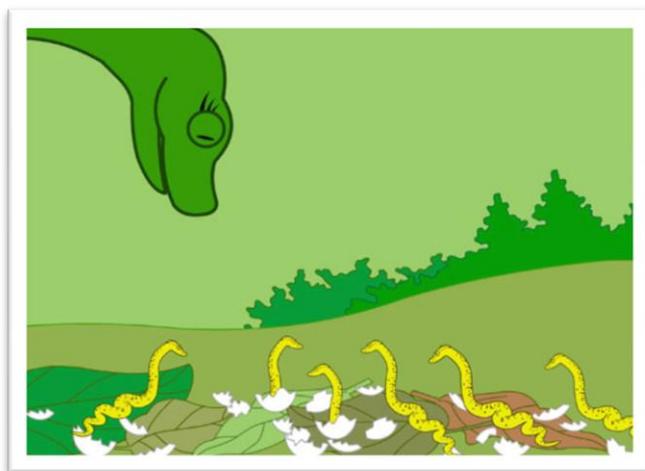


Figura 30. Ilustração da primeira página do livro impresso

— *Aí, olha só na primeira folha* [refere-se à primeira página do livro impresso, que estava na mesa à nossa frente, e que ela alcançara para folhear e apontar à entrevistadora, coisas nas ilustrações], *ela foi a segunda que tinha nascido. Olha só, assim que nasceu!*

(...)

É? E esta aqui?

— *Essa daqui é a mãe.*

(...)

E aqui, o que acontece?

— *Ele segura de em um galho, e tipo ele enrola o rabo no outro galho, aí ele se joga.*

E aqui quem tá vendo ela?

— *Os irmãos dela.*

Mais alguns entrevistados recontaram o começo da história, resgatando principalmente referências pictóricas:

— *No começo, a mãe dela, tava olhando já... e começaram a nascer duas cobrinhas ela ficou com a idade das verdes ela tava querendo se transformar em verde (Emerson).*

Também para esta criança, que tivera acesso à versão animada, o rompimento de dois ovos de cobra foi um acontecimento relevante.

Neste ponto pode-se passar à análise de parte do relato de Peter, que interagira com a versão digital e interpretara algumas das mesmas coisas de Maysa. Para ele, as cobras grandes eram irmãos da Verdi e ela também fora a segunda a nascer. Entretanto, no caso de Peter, um elemento pictórico pode ter determinado essa interpretação, já que na animação, que abre a história depois da capa, várias cobrinhas já se encontram fora dos ovos, mas ainda há duas por sair. As cascas se rompem e as últimas cobrinhas amarelas com riscas entram em cena (figura 31).

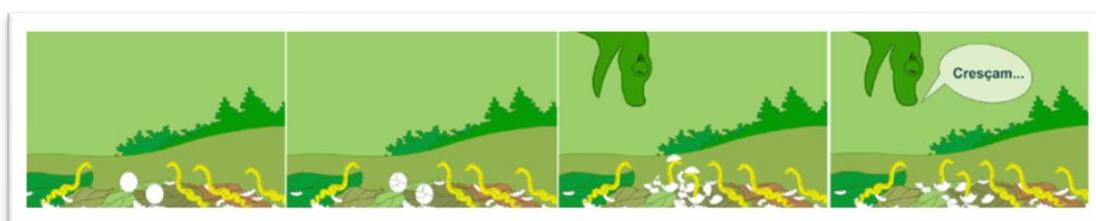


Figura 31. Sequência de imagens da cena 1

Pode-se inferir, neste caso, que a informação pictórica tenha influenciado a percepção de Peter, levando-o a entender que Verdi fora uma das cobras da segunda leva. Ainda com relação à atribuição de parentesco entre Verdi e as cobras verdes, muitas outras crianças – dos dois grupos – interpretaram que todas eram irmãs. As demais se referiram às cobras adultas como amigos da Verdi.

Uma das perguntas do roteiro de entrevista dirigia-se ao que a mãe de Verdi teria dito quando as cobrinhas nasceram. Foi dito anteriormente que o balão com a palavra “cresçam” foi incorporado propositalmente. Não foi só isso que a mãe Píton disse às cobrinhas, mas, como estava no balão, chamou a atenção da maioria das crianças que interagiram com a versão animada. O mesmo não aconteceu com o grupo que leu a versão impressa. Esse dado já tinha sido constatado na pesquisa preliminar - quando as respostas eram dadas por escrito e em um questionário, e o grupo de participantes foi maior. Nessa etapa foram verificadas respostas muito interessantes a essa pergunta, algumas crianças das que interagiram com a narrativa no computador foram criativas e arriscaram responder com “nasceram!” e “caramba!”.

O objetivo dessa pergunta, entretanto, não era o de testar a criatividade, mas verificar até que ponto os leitores guardavam lembrança da fala dessa personagem, que só aparece na história nessa ocasião. Do grupo que leu o livro impresso, 6 das 25 crianças relacionadas lembraram de alguma coisa ligada a “crescer”. Já no grupo de sujeitos que interagiram com a versão digital, de 25 respostas, 12 crianças mencionaram essa palavra, sendo que 9 delas a puseram como única resposta, não levando em conta o restante da fala da mãe, que só aparece no texto verbal.

Parece que foi encontrada aqui uma questão que merece especial destaque: fato, “cresçam” foi a resposta recorrente da maioria das crianças entrevistadas dentre as que utilizaram o computador. Ou seja, das que viram essa palavra surgir no balão da fala de mamãe Píton. Houve ainda outras cenas onde o discurso das imagens se sobrepôs à fala das palavras. É o caso da página onde Verdi, coberta de lama ressecada, está enroscada no tronco de uma árvore. O texto verbal que descreve essa situação é:

**(...) ao secar, a lama castanha e mole se transformou em uma casca dura e cinzenta e Verdi mal conseguia se mover. Quando se mexia, a casca se rachava em pedaços irregulares. A cada pedaço que se desprendia, Verdi constatava que seu corpo estava mais verde do que antes.**

Diversas crianças que viram a cena animada descreveram a forma como a lama seca se soltava do corpo da Verdi, imitando o movimento da animação, ascendente e descendente, muitas delas sacudindo o próprio corpo para cima e para baixo e dando de ombros. Também neste caso a sequência das imagens prevaleceu sobre as palavras como registro ou lembrança do evento.

Duda, que também interagiu com o computador, recontou essa passagem dizendo:

*— Ela caiu na lama, e conforme a lama seca, conforme vai secando, vai caindo os pedacinhos, conforme vai se mexendo.*

Essa fala de Duda quase corresponde à frase do original:

**Quando se mexia, a casca se rachava em pedaços irregulares. A cada pedaço que se desprendia (...).**

Entretanto, Duda diz “*vai caindo aos pedacinhos*”, e assim retrata fielmente a cena animada, na qual à medida que a cobra se esfrega no tronco da árvore, pedacinhos de lama se desprendem do seu corpo e caem. O mesmo foi possível observar em outras entrevistas com crianças que viram a história no computador, com relação à cena da transformação gradual de Verdi, de filhote amarelo para adulta verde. Muitos dos relatos se assemelham aos de João, já apresentado no começo deste capítulo, e de Peter

João:

—...*e depois a cobra dormiu e aos pouquinhos virou verde.*

Peter:

— *Aí as cobras verdes perguntam se ela quer sair também, aí ela diz que não, que não quer sair, aí ela fica dormindo.*

Onde?

— *No galho, aí esperando o sol se pôr. Aí na hora que o sol vai embora, chega a lua e ela vai começando a ficar verde. ...Aí chegam outras cobras e que acho que são irmãs dela.*

Os relatos de crianças que leram o livro impresso trazem são semelhanças ao de Anderson:

— *Aí as outras cobras foram embora e ele ficou lá olhando o sol. Aí escureceu e veio a lua. E aí com o passar dos dias ele foi ficando verde.*

E este diálogo entre duas das meninas:

— *Quando ela percebe que a lua muda de fase e é muito bonito.* (Joana).

— *É.* (Valéria).

— *E todo dia ela começa a ver a lua mudando de fase até virar cheia.*

(Joana).

— *Aí ela vira verde, ela fica toda verde.* (Valéria).

Ou seja, a percepção da passagem do tempo na história ficou muito ligada às imagens na versão animada, o que não aconteceu na mesma proporção entre as crianças que leram o livro e tiveram acesso às ilustrações estáticas. Essa relação estabelecida pelas imagens animadas, de certa forma se encaixa no que chamamos de “incongruência intersemiótica”, no capítulo 2 desta Tese.

No texto verbal dessa tela se lê:

**O tempo passou. O sol e a lua se revezaram no céu. Verdi se maravilhou em ver a lua cheia minguar um pedacinho a cada noite. Depois observou pacientemente a lua crescer até virar cheia outra vez.**

Para representar essa passagem do tempo nessa animação de doze segundos o sol vai se pondo enquanto surge a lua, paralelamente Verdi vai mudando de cor, passando do amarelo ao verde. Crianças mais velhas e adultos provavelmente se orientariam pelo texto verbal e interpretariam a passagem do dia para a noite como uma metáfora, o mesmo acontecendo com a mudança de cor da Verdi. Mas a maioria das crianças menores não *interpreta* os textos, aceita-os como são apresentados pelo autor (Shulevitz, 1997). Isso não fica restrito aos textos verbais, as imagens falam com as crianças e, neste caso, diante do conflito entre as duas narrativas, foi a sua voz aquela que prevaleceu.

A força das imagens não se manifestou exclusivamente junto às crianças que interagiram com a versão animada, como na análise feita de parte do relato de Maysa e outros. Com Pedrinho, pelo menos em um momento da entrevista, a sua fala evidenciou o quanto as ilustrações podem ter sido responsáveis pela sua compreensão da história. A parte mais significativa da entrevista, nesse sentido, é

a que se refere à forma como Verdi se machucara e de como as cobras mais velhas a ajudaram e cuidaram dele:

— *Assim! Ela pulou. Aí ela caiu em cima de uma árvore. Aí ela pulou de novo, assustou uns bichos, uns pássaros, só que ela caiu no chão, num tronco de um galho que tinha caído na selva. Aí, as outras cobras verdes viram e foram ajudar ela.* (Pedrinho).

E como foi que elas ajudaram? O que elas fizeram pra ajudar? (entrevistadora).

— *Elas enrolaram ela num galho para ela ficar bem. Num galho alto.*

A frase sublinhada na fala de Pedrinho se refere exclusivamente à imagem, visto que o texto verbal é:

**Bem esticado e preso em um galho que fazia as vezes de tala, Verdi não teve escolha se não escutar a tagarelice das cobras verdes.(...)**

A dedução de Pedrinho, de Verdi ter sido *enrolada*, obedece, portanto, à referência sígnica pictórica dessa página, onde vemos que uma espécie de cipó prende a cobrinha amarela e a um galho (figura 32).

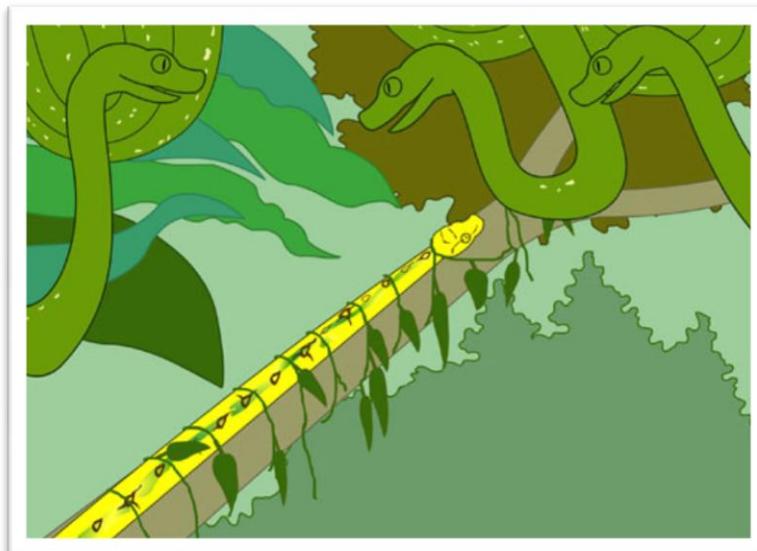


Figura 32. Ilustração de Verdi referida por Pedrinho

Esta foi a imagem pela qual Maysa também concluiria que as cobras verdes seriam irmãs da Verdi, por atribuir-lhes uma expressão de zombaria – Segundo ela, estariam rindo do infortúnio da cobra amarela.

Outros diálogos ao longo das entrevistas ainda revelaram mais alguns aspectos da forma como as crianças leem imagens como signos. Durante a entrevista com Alice foram necessários alguns segundos para entender a que ela se referia neste diálogo:

— *Ela (Verdi) falou para as mães Pítons.*

(...)

— *Não! É que tem numa parte que as três falaram cada uma falaram diferente.*

Quem “Três”? (entrevistadora).

— *As três cobras verdes.*

Ao que parece, se algum indício faltava para confirmar o que vinha se perfilando desde a primeira entrevista, o discurso de Alice indica ter cumprido essa função. Para ela, que interagira com a história na versão digital, estabeleceu-se uma relação imagética entre as duas sequências ilustradas iniciais. O aparecimento de mamãe Píton, grande e verde, na primeira cena, dá a impressão

de ter subsidiado o estabelecimento de uma ponte de sentido com a segunda, na qual Verdi espera a oportunidade de falar com outras três cobras adultas. Trata-se das cobras que, para algumas das crianças entrevistadas, eram irmãos e, para outras, amigos da Verdi. Alice resolveu internamente a questão de outra forma: associando essas figuras à ilustração que representa a cobra mãe. Também neste caso, nada há no texto verbal que pudesse ter levado a menina a criar essa ponte. A única explicação, novamente, está no discurso das imagens.

De posse dessa análise, indo-se a novas fontes acadêmicas e depara-se com que o ficou constatado neste estudo com relação à pregnância e à força das imagens como ilustrações infantis o que já tinha sido relatado por Trushell et al. (2001) em pesquisa realizada no Reino Unido com crianças de cinco anos de idade e, curiosamente, com outra história, em formato digital que tem cobras como protagonistas.

O estudo de 2001 teve por objeto o CD-rom interativo de *Kyieko and the Lost Night* (Ludimedia, 1995). Nesse relato, as legendas lidas em voz alta por um contador de histórias, informam que o *Rei Cobra* tem um palácio em uma árvore. Entretanto, as imagens apresentam a personagem tendo seu palácio em uma lagoa e 19 das 21 crianças entrevistadas responderam que o palácio era em um lago (Trushell et al. 2001).

Outra discrepância entre o texto verbal e as animações ilustradas levou muitas dessas crianças a associarem a imagens de dragões, ou confundirem cobras e dragões, em função da aparência das imagens em detrimento do que estava escrito e era lido pelo narrador. Na descrição desta parte da pesquisa os autores adjudicam a posições e estilo das ilustrações estilizadas das cobras que, não só por crianças dessa idade, facilmente poderiam ser interpretadas como dragões



Figura 33. Segunda tela da narrativa digital de *Kyieko and the Lost Night*.

Unsworth (2003) comenta – e de certa forma crítica - o estudo de Trushell et al. (2001), chamando atenção para o fato de os autores terem se concentrado na análise de como essas incongruências – ou falta de coerência intersemiótica - entre texto linguístico e pictórico distraíram as crianças do seu conteúdo narrativo verbal e “interferiram” na compreensão da história, ao invés de discutir as contribuições do discurso imagético ao enredo. Destaca, também, que nessa pesquisa não se fez alusão ao conteúdo integrativo (*integral role*) das imagens no design da história, na construção de suas possibilidades interpretativas e como estas são visualmente “lidas” por crianças .

Em sua crítica, Unsworth (2003) diz, ainda, que é preciso aprofundar as pesquisas nesse campo para saber como se dá o processo de “leitura” dessas imagens por crianças e a forma como essa influencia os tipos de leitura / interpretação possíveis para cada narrativa.

A proposta inicial do presente estudo e conseqüentemente as hipóteses levantadas, estavam ligadas à comparação entre níveis de apreensão de conteúdo de uma mesma narrativa em formatos diferentes. Entretanto, seguindo o caminho traçado com isso em mente, constataram-se descobertas que aparentaram ser muito mais amplas e, talvez, muito mais ligadas ao design – seja ele impresso ou digital animado.

Eis que surgiu, assim, a incrível força das imagens, como texto, como referência, como parâmetro. A velha máxima que alega *uma imagem valer mais do que mil palavras*, nunca antes pareceu tão verdadeira. No estudo de Trushell et al. (2001) cobras viraram dragões e pouco serviu para a reconstrução da narrativa que o narrador tivesse anunciado em tom alto e claro - na voz do ator Ben Kinsley que o palácio era em uma árvore, porque o que as crianças aceitaram como verdadeiro foi o palácio de água no lago que as imagens retrataram.

O presente estudo, possibilita evidenciar que essa leitura que as crianças fazem da gramática visual (Kress & Van Leeuwen, 1996) não está somente vinculada a imagens em movimento. O discurso das ilustrações é muito significativo também nos suportes ditos tradicionais. Vale lembrar a fala de Maysa, que garante que as cobras velhas estavam rindo da Verdi, por ter sido essa a sua leitura de uma das ilustrações do livro, embora isso não esteja escrito com palavras em lugar nenhum ao longo de toda a história (sem contar que – exatamente por isso, Maysa concluiu que as mais velhas seriam irmãs da Verdi).

Até bem avançada a análise dos resultados, não se cogitou incluir a fala de uma das crianças que menos pareceu entender do que a história tratava. Foi um dos primeiros entrevistados, que concluiu a leitura do livro rapidamente e depois quase não conseguia lembrar o que tinha lido. Em um primeiro momento chegou-se a considerar o descarte dessa entrevista, pois uma assistente pedagógica da sua escola confirmara tratar-se de um menino com problemas de concentração. Entretanto, a esta altura das reflexões, nada parece mais sensato do que aproveitar o diálogo com ele mantido para encerrar este capítulo.

Iago, me diz uma coisa... deste livro que eu emprestei pra você ler...  
Você gostou dele?

— *Sim*

Você se lembra do nome da história?

— *Ai! Eu esqueço tudo na cabeça*

Você se lembra da história?

— (silêncio)

Não se lembra da história?

— *Eu guardo na cabeça e depois me esqueço.*

Está bem. Mas, vamos lá! É a história de bicho, certo? Que tipo de bicho?

— *Cobra.*

E você se lembra logo o que acontece logo no começo?

— *Ela nasceu e a mãe dela disse que era para ser verde, mas ela nasceu amarela.*

É? E depois?

— *Ah! Eu não lembro mais.*

Então deixa eu te ajudar um pouquinho. O que ela faz? Depois que nasce a mãe fica com ela? Ela vai embora? Ela fica sozinha?

— *A mãe?*

Não, a cobrinha.

— *A cobrinha fica sozinha.*

E você não lembra o nome da cobrinha?

— ...[Iago balança a cabeça em sinal de negação].

Não? E aí? O que ela faz depois?...A mãe vai embora... as outras vão embora... ela fica sozinha, o que ela faz?

— *... na última parte ela fica verde.*

É? Mas vamos tentar lembrar mais um pedaço? Até ficar verde, aconteceram muitas coisas, né? O que aconteceu antes, antes dela ficar verde? Você se lembra?

— ...[Iago balança a cabeça em sinal de negação].

Tá. Ela nasceu, e a mãe falou aquilo que você me disse,... aí, que eu me lembre, ela subiu numa árvore para falar com as cobras mais velhas. Você lembra o que as cobras mais velhas falaram para ela?

— ...[Iago balança a cabeça em sinal de negação].

Não lembra nada?

— *Eu ponho na cabeça e depois eu esqueço.*

Tá. E você se lembra de alguma outra coisa que tenha acontecido?

— ...[Iago balança a cabeça em sinal de negação].

Nada, nada, nada? Nenhuma coisa? Vamos ver. Ela come um bicho?

— *Não. Só arranja um amigo que é um peixe.*

Ah, é? E o que eles fazem?

— *Eles viram amigo.*

É? E depois, no final da história?

— *No final da história ela ficou verde.*

A pesar de Iago ter declarado não se recordar de nada da história, com alguma ajuda (mas nenhuma resposta induzida), ele se lembrou que no início a cobra era amarela, que a mãe dissera algo relativo a ser verde, que no final do livro ela, de fato, ficou verde e, o que parece mais interessante: lembrou-se de haver um peixe na história! É bem verdade que Iago “leu” tratar-se de um “amigo” da cobra, quando este queria almoçá-lo. Mas o que importa aqui é que a presença da ilustração do peixe foi marcante para essa criança.

Em se tratando de crianças, mesmo funcionalmente alfabetizadas, podemos dizer que as imagens a elas apresentadas falam com voz em tons mais altos que o das palavras escritas. Ainda outras descobertas surgiram ao longo do estudo que não estavam sequer previstas. Um menino de seis anos, portanto, menor do que as da amostra estudada, teve acesso tanto à versão impressa do livro original como a do livro modificado para a pesquisa. Ele notou que as duas histórias, embora com conteúdo narrativo verbal idêntico, começavam com ilustrações diferentes. Essa modificação da primeira ilustração fora proposital, para, justamente, haver maior coerência intersemiótica entre o texto verbal e o pictórico (Figuras 34 e 35).

Uma revelação que pareceu importante aconteceu quando a criança perguntou se poderia ficar com o livro para ele e oferecemos o original, com ilustrações detalhadas e, aos olhos da pesquisadora e outros adultos, muito belas, que parecem ter sido feitas em óleo sobre tela, com muitas tonalidades e riqueza de detalhes.

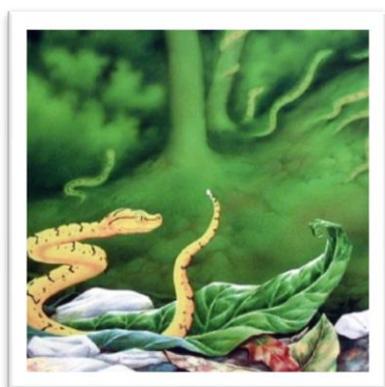


Figura 34  
Ilustração da primeira página do livro original

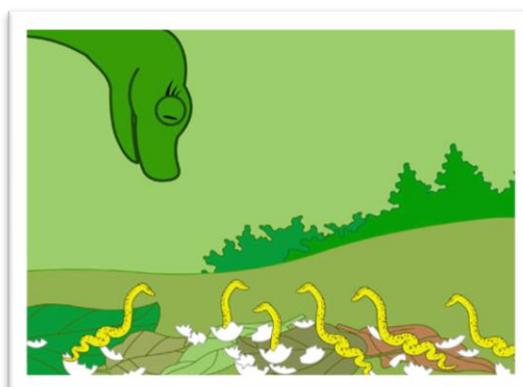


Figura 35  
Ilustração da primeira página do livro modificado

Entretanto, a criança pediu a versão impressa para a pesquisa, em papel mais fino, tamanho A4, com imagens menos sofisticadas. A sua escolha chamou a atenção e, por isso, lhe foi feita a pergunta: Por que essa? A resposta foi: — *Porque nessa tem a mãe!*

A surpresa inicial deu lugar à rememoração de um dos comentários do referencial teórico. A pesquisa sobre “*what makes an illustration beautiful*”, que no lugar de encontrar referências ao aspecto estético das imagens, descobriu que, para crianças pequenas, o mais importante para considerá-las bonitas, é que elas se sintam familiarizadas com as imagens. Trata-se da identificação com o objeto representado e não necessariamente a representação em si. As pontes de sentido finalmente parecem ter atravessado de uma margem a outra. Que as grandes descobertas tenham reafirmado o quanto é forte o discurso das imagens para o estabelecimento de significados, mas também é preciso levar em conta, para isso, o quanto é forte o repertório inicial da criança.

Como último item a abordar aqui está a premissa do estímulo à leitura que narrativas digitais podem proporcionar. Será este, provavelmente, assunto para uma próxima pesquisa. Cabe ressaltar: todas as crianças que leram o livro na versão animada nesta etapa (as nove crianças) disseram que gostariam de ler a história novamente, só que várias delas disseram preferir, para uma nova leitura, o livro de papel.